

ELSINORE

**Jon
McGregor**

Vencedor do
International Dublin
Literary Award



**ATÉ os
CÃES**



«Um livro importante.»
The Daily Telegraph

para a Alice

Sem esperar, viver desejo aflito.

DANTE ALIGHIERI, *O Inferno*

UM

Arrombam a porta no fim de dezembro e levam o corpo.

O ar está frio e aperta como um torno, o céu é de um azul abrasador como olhos de aço, as árvores estão desbotadas, brancas como ossos à luz orvalhada do Sol. Uns em cima dos outros, mantemo-nos ao pé da porta trancada.

As ruas parecem calmas, vistas daqui. Vapor eleva-se e cicia de um tubo do aquecimento central. Um televisor tremeluz numa divisão ao lado. Alguém martela na barra de uma cancela lá do outro lado dos campos desportivos das traseiras dos apartamentos.

Uma conduta de descarga com uma orla grossa de gelo a derreter pinga para o passeio, três andares acima de nós, e a água acumula-se e gela à sombra de um muro baixo de tijolo.

Vão passando carros, de vez em quando, com as janelas embaçadas e os motores em esforço por causa do frio.

Vemos uma pessoa a sair de um táxi estacionado mais acima na colina. Deixa a porta do carro aberta e nós vemos dois sacos de plástico no banco de trás, a abarrotar de roupa, de livros, de maquiagem. Ela sobe o pequeno lanço de escadas e bate à porta. É Laura. Grita pela ranhura da caixa do correio. Faz sinal ao taxista para que espere e depois dá a volta ao edifício. Vemo-la a subir para a cobertura de uma garagem e a entrar pela janela da cozinha do apartamento. Fica parada na cozinha durante algum tempo. Parece estar a falar

com alguém. Torna a sair e a subir para a cobertura, de onde salta, e depois volta para o táxi.

Mais tarde, à noite desse dia ou do dia seguinte, com os outros apartamentos a luzir em tons de amarelo e azul para lá de cortinas finas e de panos afixados com pioneses, vemos Mike a galgar para a cobertura da garagem. Ouvimos gritos e uma coisa a partir-se. Vemos Ben a correr ladeira abaixo, rumo à cidade.

Vemos Heather, noutra manhã, a subir a custo os degraus e a bater à porta, com uma lata aberta na mão. Grita pela abertura da caixa do correio e espreita pelo vidro. A velha do apartamento do lado sai e diz qualquer coisa. Discutem e Heather volta a bater à porta antes de se afastar, ladeira abaixo, rumo à cidade.

Vemos Mike, a falar ao telemóvel, com o casaco comprido a adejar-lhe à volta dos joelhos à medida que avança com passadas largas para a estrada.

Os candeeiros de rua acedem-se, lentamente, luzindo em vermelho e depois em cor de laranja, até que tornam a apagar-se quando a madrugada desponta. A geada forma-se nos campos desportivos e na vegetação que bordeja a estrada, e desfaz-se sob as pegadas, sob as marcas dos pneus e à fraca luz do Sol distante. O tempo parece passar.

Vemos Danny a correr pelos campos desportivos com a *Einstein* a coxear atrás dele. Espreitamos pela esquina dos apartamentos e vemo-lo a subir para as coberturas das garagens. A *Einstein* levanta a cabeça, a ladrar e esgaravatar a porta da garagem, e nós ouvimos o rangido de uma janela que se abre.

O velho aparece na cadeira de rodas. Conhecemo-lo, mas não sabemos como se chama. Nem sequer é assim tão velho, mas é assim que lhe chamamos. Avança lentamente pelo pavimento, agarra as rodas com as mãos embrulhadas em trapos e luvas esfarrapadas, com o rosto contorcido pelo esforço de cada pequeno empurrão.

Ofega ligeiramente à medida que avança. Uh. Ah. Uh. Ah. Lança um olhar na nossa direção, mas não se detém. Uh. Ah. Uh. Ah.

A janela torna a abrir-se e vemos Danny a saltar das coberturas das garagens, a cair, a aterrar desajeitadamente e a cambalear quando tenta levantar-se. Pega na mala e nas mantas e apressa-se rua abaixo rumo à cidade, passa pelo velho da cadeira de rodas e chama pela *Einstein* para que o siga, de mantas ao ombro a rojar pelo chão, e não olha para trás.

Fica escuro, e faz-se luz, e torna a escurecer, e perguntamo-nos se virá mais alguém. Agora somos mais, e ficamos em silêncio à porta, a olhar para um lado e para outro da rua.

Não há sirenes quando, por fim, a polícia chega. O carro-patrolha avança devagar ladeira acima, com os agentes a espreitar pela janela para confirmar os números das casas. Param ao fundo dos degraus e ficam no carro por uns instantes, com o motor ligado, a falar pelos aparelhos de rádio.

Alguém espreita pela janela de um segundo andar e vira costas, não sem antes fechar bem as cortinas.

A porta da rua do apartamento do lado entreabre-se.

Os dois polícias saem do carro, a esfregar as mãos enluvadas, de rosto franzido contra o frio e o Sol baixo do entardecer. Um deles, um jovem bem-parecido de olhos azul-claros e nariz fino, vai ao porta-bagagem e tira de lá duas lanternas compridas. Sobem cuidadosamente os degraus para o apartamento, evitam o gelo, e nós afastamo-nos da porta. A respiração deles forma nuvens em volta dos rostos e desvanece-se no ar.

A porta do apartamento do lado abre-se mais e uma velha aparece. Olha para os dois homens que fazem incidir os feixes de luz das lanternas nos painéis de vidro da porta da rua e gritam pela ranhura da caixa do correio. Ela veste uma bata de xadrez e calça

umas pantufas com a forma das patas dos tigres. Diz-lhes qualquer coisa e cruza os braços. O polícia mais novo vira-se para ela e acena com a cabeça, e, quando ela diz algo mais, ambos a ignoram.

Um carro abranda ao passar, detém-se por um momento e depois segue caminho.

Porque demoraram tanto? Onde estavam?

Tentam forçar a porta com cargas de ombros, e depois o polícia mais novo recua e dá pontapés na fechadura. A porta abre-se. Ambos avançam e depois viram-se para trás, a tapar o nariz e a boca. Entreolham-se e erguem as lanternas para fazerem incidir uma luz estreita ao longo do corredor escuro do apartamento. A velha aproxima-se, comprimindo os braços um pouco mais contra o peito, e nós olhamos para lá dela, para a penumbra iluminada pelas lanternas. A casa está feita num chavascal, mas isso já sabíamos. As paredes têm rabiscos e manchas, há fios descarnados pendentes do gesso apodrecido. O chão está pejado de garrafas, latas, mantas e roupas, uma pilha de pneus de automóvel, cacos de vidro. E o cheiro deve ser nauseabundo, porque as mãos dos dois homens continuam a tapar-lhes a boca e o nariz, e eles continuam com as caras parcialmente voltadas para trás. O mais novo tosse, como se tivesse uma coisa qualquer colada ao fundo da garganta. O mais velho pousa uma mão no braço do colega e fala numa voz baixa.

Não nos veem, à medida que nos amontoamos e abrimos caminho entre eles. É claro que não. E nem podiam. Mas já estamos habituados a isso. Temo-nos vindo a habituar àquilo há muito tempo, e até antes. Antes disto.

*

As botas deles esmagam e partem os detritos que cobrem o chão. Andam devagar e deixam que a luz das lanternas lhes indique o caminho. Vão chamando, qualquer coisa como Olá, é a polícia, olá. Entreolham-se e adentram mais o apartamento.

O mais novo, virando à direita ao fundo do corredor em que o colega virou à esquerda, encontra o corpo estendido no chão da sala de estar. Não olha durante mais de um segundo ou dois, com os olhos a arregalar-se, e depois chama, às arrecuas, de punho cerrado contra a boca. O mais velho vem da cozinha, com os pés a moer mais vidros partidos à medida que avança para a sala de estar e vê o que ali está. Estremece ligeiramente e acena com a cabeça. Faz incidir a luz da lanterna no corpo, nas roupas húmidas, na pele gretada e coberta de bolhas. Aponta para algo que parece sangue, uma poça no linóleo, com um rasto que segue até à cozinha. O mais novo, ainda à entrada, fala para o aparelho de rádio, pede qualquer coisa. Não falam. Esperam. Olham para o corpo. Todos nos apinhamos na sala e olhamos para o corpo. A pele inchada e mais flácida, o olhar afundado, a poça oleosa de fluidos a alastrar pelo chão. A pulsação e o movimento rastejante de vida recentemente eclodida, a alimentar-se.

É Robert. Mas isso já nós sabíamos.

O céu escurece lá fora, uma mancha vermelha e ténue ao longo da linha de árvores que bordejam o rio, as nuvens baixas e ralas na direção do solo.

O polícia mais velho alivia o colarinho da camisa, afasta a gravata do pescoço, murmura qualquer coisa ao colega enquanto se afasta, e abre caminho pelo corredor cheio de tralha até chegar ao ar fresco e limpo.

Lá fora, a mulher das pantufas em forma de patas de tigre e bata de xadrez está à espera. Pergunta qualquer coisa e eles erguem as mãos e abanam a cabeça. O homem mais velho vai buscar um rolo de fita azul e branca ao carro e delimita a área à volta da porta. A mulher observa-os, a morder o lado de dentro do lábio. Tem a pele da cara seca e flácida, com pequenas pregas em volta do maxilar. Fala com o polícia mais novo por uns momentos, a abanar a cabeça, a espreitar para a porta aberta atrás dele. Vira-se e volta para o seu apartamento a arrastar os pés.

Os dois homens ficam em frente ao cordão. Acima deles, uma lâmpada fluorescente, fixa à parede, zumbe ligeiramente à medida que ganha força. Vão-se acedendo as luzes ao longo do passeio, umas quantas de cada vez. O céu escurece para um tom roxo, como o de um hematoma. Os homens batem com os pés e esfregam as mãos para fazer frente ao frio, e conversam. Olhamos para um lado e para o outro da rua, e Danny conta-nos como foi quando o encontrou, quando entrou pela janela das traseiras do apartamento e encontrou Robert estendido no chão.

A Penny estava à entrada, a tremer e a olhar para cima enquanto Danny entrava pela janela da cozinha e saltava para o chão. A princípio não a viu e, quando a viu, não percebeu porque não estaria a ladrar como habitualmente, por que razão estaria tão quieta. Só tremia e assim. Deu logo conta de que alguma coisa estava mal, estava tudo demasiado silencioso. Nunca tinha estado assim tão silencioso. Havia sempre a Penny e os outros cães a ladrar, e música a tocar e gente a gritar para se fazer ouvir. A Penny nem sequer se

virou quando ele passou por ela. Não tinha forças. Saco de ossos. Limitou-se a ficar ali e Danny voltou da sala a correr e vomitou no chão antes de sair pela janela sem olhar para trás.

Outros três veículos param em frente ao apartamento. Isto é mais tarde. A mulher que tem as pantufas em forma de patas de tigre levou duas chávenas de chá aos agentes, fez-lhes perguntas a que eles recusaram responder e tornou a levar as chávenas. Um grupo de miúdos juntou-se à beira do apartamento, a tentar ver para lá dos polícias e para dentro do corredor, e a tentar passar por baixo do cordão. Mas agora foram-se embora e está tudo calmo. Um homem e uma mulher saem do primeiro veículo e trazem caixas de equipamento pelos degraus acima, falam com os polícias enquanto se metem em macacões brancos que restolham, e calçam luvas de plástico transparente. Uma mulher em calças de ganga e num casaco comprido cinzento sobe as escadas, com uma pequena mala de pele. Dois homens tiram lâmpadas e tripés das traseiras de outra carrinha e empilham-nos ao cimo dos degraus. De uma caixa, tiram proteções para calçado, equilibrando-se numa perna e depois na outra para enfiarem as ourelas elásticas à volta dos sapatos enquanto o polícia mais novo jovem escreve os nomes deles num livro de registo, e a respiração de cada boca forma vapor acima deles e amarelece à luz fluorescente.

A mulher que traz a pequena mala de pele entra no apartamento pelo corredor e na sala onde jaz o corpo de Robert. Agacha-se ao lado dele, toca-lhe na pele fria, rapara nos olhos afundados e nos lábios inchados, nos insetos, nas bolhas purulentas por todo o corpo. Acena com a cabeça, verifica as horas no relógio e escreve qualquer coisa num caderno, ou diário, de capa dura, dizendo ao polícia que hora deve escrever nas notas dele antes de se ir embora, e depois passa por baixo do cordão, tira as luvas e desce rapidamente os degraus

até ao carro. Pousa a mala no lugar do pendura e liga o rádio. Olha para o telemóvel, um brilho azul incide-lhe no rosto, e depois devolve-o à mala e arranca.

Os homens das luzes entram e encostam-nas às paredes, mantendo-se bem afastados do corpo, ligam as baterias e os grampos, e de repente o quarto engrandece na luz, com uma luz branca e forte a irromper de cada canto e a fixar cada detalhe irrequieto no seu lugar. O homem e a mulher de macacões brancos entram na sala, acompanhados por outro homem com uma melena crespa e escura que tem ar de ser o responsável. O primeiro homem tira fotografias enquanto a mulher examina cuidadosamente o corpo, afastando as roupas do pescoço de Robert, passando-lhe os dedos pelo cabelo como um pente e remexendo na imundície espalhada pelo chão. Mostra ao fotógrafo as manchas escuras de sangue que se alongam pelo linóleo. O polícia mais novo está no corredor, a olhar, e o homem de cabelo escuro e crespo faz-lhe perguntas. Ele abana a cabeça, aponta para a porta da rua, sorri por breves instantes com um qualquer comentário feito pelo fotógrafo, e por um momento a sala torna a parecer cheia, cheia como da última vez que aqui estivemos todos juntos, com Robert estendido no chão como ficava sempre quando a noite chegava ao fim, com aquela expressão que só tinha quando dormia. E ali está ele, a ressonar, a resfolegar, a esticar uma mão para trás da cabeça como se procurasse algo a que se agarrar. E um de nós, provavelmente Heather, inclina-se para a frente para lhe acomodar melhor o casaco sobre o peito largo, sobre os ombros, volta a enfiar-lhe o gorro na cabeça, até dar pelos outros, que ali estamos a olhar para ela. Os outros que dormem. Danny e Ben e Laura e Mike e Ant e quem mais calhasse estar por perto. Ou não bem a dormir, mas a fechar os olhos e a ouvir a música, que vinha do rádio na cozinha, arranjado com fita-cola, uma qualquer canção

de embalar que nos chegava em fragmentos e nos mantinha de pé, encostados às paredes e uns aos outros, enquanto as nossas mãos se abriam e deixavam cair as colheres, os cachimbos e as latas vazias, os restos de papel de alumínio e de algodão. As nossas migalhas de conforto espalhadas pelo chão. As nossas mãos abertas.

Um telefone toca e o agente que está à porta tira-o do bolso, fazendo sinal aos outros antes de se esgueirar da sala para falar, saindo pelo corredor deteriorado e pela porta da rua arrombada, e, quando a porta se fecha atrás dele, vemos Robert e Yvonne a trabalhar de costas um para o outro, a arrancar o antigo papel de parede, a puxar e a raspar, com uma espátula e uma faca, pequenas espirais e flocos que caem no chão como confetes. Sentados à porta da rua, aberta, para comer sanduíches de fiambre e tomate e ver crianças a subir e descer os degraus a correr. A pendurar o papel novo sobre os restos rasgados do velho, a medir e a cortar e a colar, a tarde a passar enquanto eles conversam ou não conversam ou cantam as canções que passam no rádio, e à hora do jantar o último canto de papel é finalmente alisado no seu sítio, e a dor nos braços e nos pescoços torna-se evidente para ambos quando recuam para ver o trabalho feito, as mãos pegajosas de cola de papel de parede e suor.

Nunca conhecemos Yvonne, mas agora vemo-la. Agora vemos as coisas de forma diferente. Vemo-los a eliminar os vestígios de quem quer que ali tivesse vivido antes, a pintar e a colar papel sobre as fendas. A deitar fora as coisas deixadas na casa, as revistas amontoadas e as latas acumuladas, as ratoeiras enferrujadas no armário do lava-loiça. Os gestos simples de duas pessoas que criam um lar. Fazer passar mobília nova pela entrada estreita: uma cama, um cadeirão, um sofá, uma cómoda. Ajustando-se à presença um do outro, aos movimentos um do outro nos pequenos espaços das suas vidas. A forma como ele anda de um lado para o outro e se estica,

a forma como ela se enrosca na cadeira, o som dos seus passos, os cheiros únicos dos seus corpos a misturar-se e a infundir o ar. E agora ela pergunta-lhe qualquer coisa, enquanto esfrega fios de cola seca das mãos e sopra para afastar o cabelo dos olhos. Ele levanta o olhar, a sorrir, quando ela fecha a porta, quando ela despe a t-shirt e desaperta o soutien. Beijam-se rapidamente, pressionando o corpo de um contra o do outro, em busca de botões e de fechos, e nós recuamos para a sala de estar, com as paredes pintadas de fresco e a grande janela com vista para os campos desportivos, para as árvores recém-plantadas, para o rio mais adiante. Ouvimo-los a arquejar e a sussurrar contra a porta da rua, que estremece. Podemos vemos para o quarto e podemos ver a cama de casal encostada ao guarda-fato, o colchão sem lençol e os dois sacos-cama unidos por um fecho-éclair, o cinzeiro a transbordar e as roupas empilhadas por todo o lado, e quando nos viramos de novo para a sala, vemos o fotógrafo a dispor escalas de medição ao lado do corpo no chão. A tirar mais notas e a fazer perguntas ao polícia que voltou da rua. Um dos homens das luzes repara na Penny, finalmente, de cabeça enfiada entre as patas da frente e as orelhas achatadas contra o pescoço. O seu pequeno corpo castanho frio e rígido. O polícia mais velho, à porta da rua, diz qualquer coisa, e eles seguem as indicações dele para a cozinha ao mesmo tempo que Robert volta da rua com um monte de batatas fritas fumegantes regadas com vinagre, que ele e Yvonne comem diretamente do pacote, limpando as mãos pegajosas à roupa antes de acabarem de deitar fora coisas e de voltarem a despir-se e de se meterem numa banheira a transbordar onde ensaboam os corpos cansados um do outro e os genes de ambos colidem dentro dela.

Ali ficam, na banheira, com o espelho a embaciar com o vapor e com a torneira a pingar discretamente sobre a água imóvel, e nós

voltamos a ver o papel de parede a começar a esmaecer. O sol entra pela janela e pela porta aberta da cozinha, incide no padrão riscado ao fundo do corredor e descolora-o. A porta da rua abre-se e os gases de escape da rua entram e roçam nas paredes, deixando camadas finas de sujidade coladas aos vestígios de gordura deixados pela passagem de mãos.

Enchem mais a banheira, e um súbito jorro cai ruidoso na pequena divisão. Agora estão calados, aquecidos e ensonados, com o ar primaveril a entrar pela janela aberta e a trazer consigo o som de vozes que chamam crianças para casa, para dormir, e música, e os gritos ténues de quem joga de futebol nos campos desportivos. Ele balança os pés por cima do rebordo da ponta da banheira e ela encosta a cabeça aos tornozelos dele, e ambos fecham os olhos.

O vapor do banho revolteia para o corredor, descola o papel da parede. Esporos pontilhados de bolor espessam-se e espalham-se na direção do teto. A água da chuva infiltra-se pelo alpendre gasto na fachada principal do edifício e avança pelo gesso, com a humidade a alastrar como um hematoma antigo. O verniz da ombreira racha com a madeira que incha e vai apodrecendo.

Mais tarde, depois de a água ter mais uma vez arrefecido, ela levanta-se, algo trôpega, com a água a escorrer-lhe pelo corpo alterado e a chapejar na banheira. Os seios dela estão mais redondos, mais pesados, e a barriga inchada, com a pele retesada. Agarra-se ao rebordo do lavatório para sair e leva uma mão à curva dorida da coluna. Tira uma toalha do cabide da porta e envolve o corpo, agarrada ao braço dele para se equilibrar enquanto se seca com toques cuidadosos.

Começam a aparecer rabiscos de lápis de cor na parte de baixo do papel de parede junto aos montes de sapatos e de caixas de brinquedos. Tiras com datas marcadas com tinta de feltro vão subindo na parede da ombreira da porta, marcando o crescimento da filha, com espaçamentos da largura de um polegar. Sapatinhos minúsculos

aninham-se entre os de adultos, e sapatos maiores vão tomando o seu lugar. Marcas de chá da cor de fotografias antigas espalham-se pelo corredor, perdurando muito depois de as chávenas partidas serem varridas. Uma mozza do tamanho de um punho ou de uma testa é tapada por um retrato escolar emoldurado. As manchas de bolor espalham-se mais e o papel solta-se da parede, e o teto mancha-se de um amarelo de nicotina cada vez mais escuro. Um pontapé arranca a porta das dobradiças e esta volta a ser colocada. Mais retratos emoldurados são pendurados na parede.

Tiram a filha da banheira. É Laura, damo-nos conta. Levam-na da divisão, embrulhada na toalha branca e macia, a falar alegremente e a brincar com o cabelo da mãe. Ele inclina-se e beija-lhe a testa húmida, inspirando o seu cheiro a sabonete, vê a mulher levá-la para o pequeno quarto e deitá-la, e vai buscar uma garrafa de uísque ao armário do lava-loiça.

Na casa de banho, linhas escuras de bolor alastram pela argamassa entre os azulejos e estes fendem-se e caem da parede. O lavatório é arrancado e parte-se ao meio, os canos rachados vertem água pelo chão até serem tapados e desligados. A sanita entope e transborda, e a água lodosa acumula-se no canto da divisão onde o piso tem uma ligeira inclinação. O espelho por cima do lavatório é estilhaçado.

Na cozinha, o homem e a mulher de macacões brancos fazem incidir as lanternas pela divisão e empurram a janela. Esta abre-se, rangendo no caixilho. Eles inclinam-se para a frente, veem o tamanho do vão, olham para a cobertura da garagem lá em baixo. Repararam nas manchas de sangue no lava-loiça e recolhem amostras. Escrevem nos blocos de notas, tiram fotografias, passam cuidadosamente a luz das lanternas pela superfície da bancada e pelo chão.

Quando voltam à sala de estar há mais dois, de fatos pretos e sapatos pretos cobertos por proteções de plástico. Usam fita para prender

os sacos de plástico com que cobrem a cabeça e as mãos de Robert, embrulham-lhe o corpo todo num plástico e enfiam-no num saco de plástico grosso e branco. São precisos quatro para o meter no saco, e parece que um deles faz uma piada acerca disso. Cerram o fecho-éclair com um cadeado numerado. Içam-no para uma maca, a custo, e são precisos seis para o levar para a carrinha que está à espera.

O fotógrafo ainda fica e fotografa a sala sem ele. O espaço vazio no chão, que agora parece enorme. As marcas e as manchas à volta do sítio onde jazia. O gorro, que lhe deve ter escorregado da cabeça quando caiu.

Os dois homens que instalaram as luzes estão no corredor, a falar a meia-voz, à espera que o fotógrafo termine. Este acena-lhes com a cabeça ao ir-se embora e eles apagam as luzes, com o polícia mais velho a dar-lhes luz com a lanterna enquanto eles guardam o equipamento. As lâmpadas quentes brilham ligeiramente durante uns segundos, e depois eles levam tudo o resto para a carrinha, enquanto esperam que o último filamento arrefeça.

Ficamos juntos no corredor, inseguros. Ouvimos os dois polícias a falar lá fora, e o crepitar e o resmonear dos rádios. Ouvimos passos nas escadas e alguém a rir. Ouvimos, tenuemente, Robert e Yvonne no banho, a molharem-se um ao outro, a pedirem o sabonete. Mas, quando olhamos, ali não há vivalma e os azulejos continuam rachados, caídos na banheira vazia, e o lavatório continua arrancado da parede. Os cabides na parte de trás da porta foram sacados. A porta do pequeno quarto, arrancada às dobradiças a pontapé, está encostada à parede. Os retratos emoldurados foram tirados das paredes, com o vidro estilhaçado contra o chão e as fotografias rasgadas em pequenos pedaços que esvoaçaram, cada quadrado de papel de parede mais vivo varado por um buraco do tamanho de um punho. Houve garrafas de vidro partidas contra ombreiras, deixando sangrar manchas vermelhas e longas pelas paredes. Os ladrilhos de linóleo têm marcas de queimaduras de cigarros e metade soltou-se

do piso. Houve gente que veio e que se foi, que veio e que ficou, e deixou o lixo empilhado no corredor. Esperamos, sem olharmos uns para os outros, sem saber o que fazer a seguir. Um ou dois de nós vão-se embora, talvez para ir com ele. O tempo parece passar. Ainda os ouvimos na casa de banho, a água da torneira a pingar na água do banho, o murmúrio baixo e estático das suas vozes.

Lá fora, faz-se luz e escurece, e quando o céu recomeça a clarear por trás das cortinas do quarto de Laura, a mãe dela entra e senta-se na cama. Vemo-la afastar o cabelo dos olhos da filha ensonada. Laura acorda e franze as sobrancelhas. A mãe pousa-lhe um dedo nos lábios e estende a mão por baixo da cama para puxar uma mala que preparou na noite anterior com roupa e dinheiro, e enquanto Laura se veste ela recolhe alguns dos livros e brinquedos da filha e mete-os também na mala. Laura acocora-se no chão para calçar os sapatos e as duas esgueiram-se do quarto e do apartamento, fechando a porta da rua com uma pressão e um clique quase inaudíveis, e depois ambas desaparecem. A luz da manhã começa a passar pelas cortinas finas e cor de laranja, e a concavidade do corpo de Laura no colchão desaparece lentamente. O seu cheiro perdura nas fibras ocas da almofada amarrotada e no edredão virado ao contrário, e nos casacos e nas calças e nas t-shirts que se derramam em punhados amargurados pelas gavetas. O livro que estava a ler fica inacabado, de lombada quebrada e caído no chão. O pó assenta. E depois as duas foram-se.

Ele acorda. Ou seja, Robert. Acorda, e todos os dias parece que elas acabaram de se ir embora. Acorda em sobressalto, como que com o som da porta a fechar-se delicadamente, e lembra-se de que elas se foram.

*

De repente, a sala fica muito mais escura. Afundamo-nos no chão. A vista da janela é enevoada por uma condensação invulgar no vidro. O calor das luzes e das vozes e dos corpos dos homens e mulheres que estiveram na divisão leva horas a dissipar-se. À medida que isto vai acontecendo e todo o apartamento vai arrefecendo, a condensação solidifica-se em finos vestígios de gelo, e lá de fora lascas de luz da alvorada vão entrando devagar.

Levantamo-nos e saímos do apartamento. Não sabemos ao certo que mais poderemos fazer. Na rua, os homens fazem deslizar o corpo de Robert para uma carrinha de vidros fumados e todos entramos para o lado dele. Não há espaço suficiente, mas parece ser o sítio certo para estarmos. Dadas as circunstâncias. Fecham as portas com estrondo. O ar ali dentro é silencioso e imóvel, o chão de aço brilha, gélido. Dois dos homens ficam no lado de fora, a falar com o polícia mais novo e com o fotógrafo, e também com o homem de cabelo escuro e crespo. Ao cimo das escadas, a mulher da bata de xadrez está de braços cruzados, a olhar, com o polícia mais velho ao lado. Apareceram pessoas no passadiço e outras assomaram às janelas dos andares acima. Um grupo de crianças está no passeio, empurram-se umas às outras, gritam perguntas. Os dois homens, e o polícia mais novo, entram para a frente da carrinha e sente-se uma aragem fria e húmida antes de eles fecharem as portas. Ligam a ignição e os pneus derrapam e cham quando seguimos ladeira abaixo. Olhamos para trás e vemos a cobertura da garagem por trás do apartamento, por onde Danny saltou e escorregou e fugiu em busca de alguém a quem contar. E vemos Danny

No final de um mês de dezembro, o corpo de um homem é encontrado num apartamento vazio. Agrupados à porta, os seus amigos – também eles já mortos – assistem, numa espécie de vigília, ao corpo a ser transportado, autopsiado e, finalmente, cremado. É através das histórias deste coro de fantasmas que vamos conhecendo a vida passada de dependência e marginalidade de Robert, o falecido, e de todos aqueles que, cruzando-se com ele, pertenceram ao seu microcosmos de esperança e desilusão, de caos e indiferença, e de amor destruído em prol de uma necessidade maior.

Intenso, alucinante e escrito com fúria, *Até os Cães* é uma exploração íntima e destemida da vida nas franjas da sociedade, uma viagem carregada de amor, perda, desespero e uma esperança constante na redenção.

«O registo de McGregor acerca destas vidas destruídas é uma eulogia ao coração humano.»

The Times

«Até os Cães é um romance corajoso e profundo que mostra como McGregor é um dos poucos novos escritores ingleses que arriscam genuinamente na linguagem e na forma.»

The Observer

ELSINORE

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-989-8864-60-4



9 789898 886460

Literatura Traduzida

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT